

A interferência do desenvolvimento da fotografia no ambiente familiar

Ana Beatriz Gonçalves Ribeiro¹

Riverson Rios²

Universidade Federal do Ceará

RESUMO

A proposta deste artigo é analisar o reflexo social cotidiano gerado pelo desenvolvimento e maior acessibilidade da fotografia, utilizando a imagem familiar como ferramenta de estudo, averiguando a naturalização do equipamento fotográfico, para adquirir um estudo aprofundado da evolução da fotografia, sua importância social e as alterações que ela sofreu com o tempo recente, sobretudo no que consiste aos caminhos à democratização. Será utilizado como critério para o desenvolvimento deste trabalho se baseia nos pensamentos de Boris Kossoy e Ana Maria Mauad acerca da fotografia, juntamente com análises documentais. Também foram analisadas fotografias de domínio público e do acervo pessoal de uma dos autores, anexadas à pesquisa, promovendo o estudo empírico dessas transformações, concluindo que a ressignificação da imagem é algo constante, no entanto sua misticidade permanece.

PALAVRAS-CHAVE: Fotografia, Desenvolvimento, Família, Registro, *Selfie*

INTRODUÇÃO

A imagem sempre é passiva de análise. Para Kossoy, na estruturação dela, há sempre uma escolha subjetiva, a fim de induzir o observador a uma função desejada, dando a foto o caráter de reflexo do fotógrafo. Assim, ao analisar as imagens construídas em seu contexto mais informal, o familiar, se verifica os anseios de toda uma geração.

Este artigo tem por finalidade analisar as mudanças tecno-sociais da fotografia nos últimos anos, dado seu rápido desenvolvimento e maior acessibilidade por diferentes classes, utilizando a fotografia familiar como objeto de estudo. O ambiente familiar é onde a maioria das pessoas sente mais conforto e segurança, oferecendo a oportunidade de compreensão sobre a naturalização da máquina e das revoluções tecnológicas, buscando estudá-las na perspectiva do indivíduo já que este, muitas vezes,

1 Graduanda do curso de jornalismo da Universidade Federal do Ceará; e-mail: anabiagr0804@gmail.com

2 Orientador do trabalho. Professor do curso de Comunicação Social - Jornalismo da Universidade Federal do Ceará; email: riverson.rios@yandex.com

é tratado como secundário (ROUILLÉ, 2010) sobre a história, enquanto, na verdade, é o protagonista.

Para obter uma análise tecno-social, foi então utilizado livros de especialistas na área, em busca de obter um estudo dos significados, compreendendo como foram formados e o que representam, estudando dessa forma a ressignificação da imagem.

Embora o campo da fotografia seja muito estudado, a academia ainda carece (MAUAD, 1996) de trabalhos voltados ao olhar social, ou seja, não somente em uma concepção histórica ou tecnológica, menos técnicos e diretos, e mais preocupados em estudar o olhar da população sobre mudanças de mercado, que afetam a sociedade de modo irreversível.

Este artigo é então dividido em cinco tópicos: o primeiro, intitulado O meio é a mensagem, onde busca fundamentar o por que das mudanças tecnológicas afetarem o intuito fotográfico; o segundo, Da kodak ao *smartphone*, onde foi exposta uma breve linha do tempo da história da fotografia e sua democratização; o terceiro, chamado Registro, que analise a função fotográfica no século XX; o quarto, *Selfie* e significado, onde foi estudado o intuito fotográfico, como construção de algo, e não como simples representação; e a última seção, Análise, na qual foram examinadas fotografias familiares, buscando compreender as alterações estruturais desta.

Desta forma, a fotografia familiar serve como *pano de fundo*, para uma compreensão profunda de como as tecnologias, no caso, a fotográfica, afeta o cotidiano e costumes de toda uma sociedade.

1. O MEIO É A MENSAGEM

Em 1954, com o *boom*³ da televisão como massificação da mídia, o educador Marshall McLuhan (1964) já analisava como equipamentos eletrônicos estariam integrados na sociedade, e até que ponto seria sua interferência, pois o ambiente não é um meio passivo, mas um envoltório ativo. Para ele seria o meio que controlaria as proporções e a forma das ações humanas.

Nos últimos anos, as relações interpessoais vêm sofrendo bruscas mudanças, tornando os novos meios de comunicação e mídia não em acessórios, mas protagonistas da constituição social, sobretudo pela criação de perfis em redes sociais, como simplificação objetiva do ser. São partes integradas da sociedade, por isso, para analisar

³ Referente ao som de uma explosão, uma vez que a televisão teve um rápido crescimento e valorização no meio urbano.

as alterações ocorridas nos registros familiares, por meio da fotografia, temos que nos referir ao fator que é determinante para as relações atuais, sobretudo no ambiente urbano: as redes sociais. Segundo McLuhan (1954):

Os meios têm o poder de impor seus pressupostos e sua própria adoção aos incautos. A predição e o controle consistem em evitar este estado subliminar de transe narcísico. Mas o melhor adjutório para este fim consiste simplesmente em saber que o feitiço pode ocorrer imediatamente, por contato, como os primeiros compassos de uma melodia (MCLUHAN, 1954, p.22)

O meio de comunicação em que a contemporaneidade está envolvida é, então, o da desterritorialização (LEVY, 1996) e da concorrência (WOLTON, 2010). Não é preciso estar no mesmo local e instante para comunicar, tendo o ser, pela mudança do meio, que reinventar sua imagem para si e para o outro. Logo, é preciso não só analisar as mudanças nas funções do *para que fotografamos?*, mas também no *por quê?* e no *para quem fotografamos?*. Mudanças essas advindas diretamente da democratização do equipamento fotográfico.

2. DA KODAK AO SMARTPHONE⁴

Em elucidação original, a fotografia consiste em produzir uma imagem inalterável, formada pela ação direta da luz. Este foi o fundamento original utilizado para a construção das primeiras imagens, sem nenhum intuito documental ou artístico, mas puramente científico, francês Louis Daguerre (1839) baseou-se nos estudos de Joseph Nicéphore Niépce (1826) para formar o que chamou de *daguerreótipo*, e que conhecemos hoje como grafia da luz: a fotografia. (LANGFORD, 2009)

Todavia, mesmo com seu aprimoramento, nos primeiros anos de criação, embora a fotografia fosse considerada um atributo somente para classes bem colocadas socialmente, seus atores, os fotógrafos da época, eram renegados nos ambientes sociais, já que os equipamentos necessários para o fabrico da imagem eram tóxicos, considerados de mau odor e fixavam na pele, formando manchas (GUERRA, 2013). No entanto, o interesse pela captura da imagem era crescente, pois, na existência de uma sociedade em constante progressão, o olho do artista não era mais capaz de compreender e replicar os constantes cenários, as constantes mudanças que ocorriam,

⁴ Equipamento telefônico com tecnologia avançada, estes possuem câmeras digitais de qualidade considerável.

vastas e complexas (ROUILLÉ, 1948). Como analisa o historiador, André Rouillé, 1948:

Os lugares, as datas, os usos, os dispositivos, os fatos: tudo comprova que a invenção da fotografia se insere na dinâmica da sociedade industrial nascente. Foi ela que assegurou as condições de seu aparecimento, que permitiu seu desdobramento, que a modelou, que se serviu dela. Criada, forjada, utilizada por essa sociedade, e incessantemente transformada acompanhando suas evoluções, a fotografia, no decorrer de seu primeiro século, como destino maior conheceu apenas o de servir, de responder às novas necessidades de imagens da nova sociedade. (ROUILLÉ, 1948, p.31)

Foi então que, em 1884, George Eastman desenvolveu a Kodak, a primeira câmera analógica acessível e compacta, que a ação de fotografar se consagrou não somente como uma atividade socialmente aceita, mas economicamente ativa, já que a venda e produção de filmes fotográficos e a criação de laboratórios e sistemas de revelação criou um novo e efervescente mercado. Embora ainda refém das classes com renda mais favorecida, a fotografia passava agora a alcançar outros lugares, e chegar às classes médias. (KOSSOY, 2001)

Com o passar dos anos, outras necessidades sociais foram surgindo, como de comunicação, e, para atender ao mercado, novas tecnologias foram se estabelecendo, culminando no surgimento do primeiro telefone móvel, durante a Segunda Guerra Mundial, e, anos mais tarde, com a necessidade de compactação e simplificação destes meios eletrônicos, findou no primeiro celular portátil com câmera, em 2001. (TECMUNDO, 2009)

Um mercado novo se formava novamente, e, nessa perspectiva de concorrência tecnológica e científica, surgem, em 1992, os *smartphones*: telefones móveis inteligentes, que possuem acesso a *internet* e processadores que o dão caráter de um *mini* computador. Ponderam os jornalistas Lídia Farias e Osmar Gonçalves, 2014: “A tecnologia evolui de modo que o usuário não precisa se preocupar em fazer ajustes na câmera, deve preocupar-se apenas em registrar os momentos.” (FARIAS; GONÇALVES, 2014, p.07)

O saber técnico fotográfico é secundarizado, simplificando a ação, tornando-a mais acessível a leigos. Os *smartphones*, atualmente, são cada vez mais aprimorados, dotados de equipamentos fotográficos digitais cada vez mais desenvolvidos, estes maquinários condensam várias funções necessárias na contemporaneidade:

comunicação, imagem e praticidade, não se definindo apenas como *meros luxos*, mas sim, tendo sua aquisição reivindicada por diferentes classes sociais. Discorre Farias e Gonçalves (2014):

Na era analógica, o ato de fotografia era quase que exclusivamente reservado aos adultos, utilizada a câmera em momentos específicos e escolhidos com cuidado. Com a fotografia digital essa relação muda. Tudo é fotografável e pode ser compartilhado em diversos sites na *Internet*, permitindo interação entre diferentes usuários que consomem a produção frenética de imagens e, outros momentos, também lançam na rede seus próprios registros. (FARIAS; GONÇALVES, 2014, p.09)

Voltando para o aspecto de estudo, levando em consideração que toda evolução tecnológica é também social (CARVALHO, 2010), cabe a análise como a democratização e desenvolvimento da fotografia influenciou a estruturação da imagem e sua qualidade de registro familiar.

3. REGISTRO

Com um número limite de filmes, na época do analógico, era importante garantir que a imagem, quando revelada, sairia como o desejado. Cada clique valeria tempo e dinheiro. Este meticuloso processo dava ao ato fotográfico uma importante áurea, algo que devia ser aproveitado em sua totalidade. Os frutos da revelação eram então guardados como algo eterno, atemporal, dando a fotografia também uma expressão documental (KOSSOY, 2007). Como expõe Ana Maria Mauad:

A fotografia é considerada como testemunho: atesta a existência de uma realidade. Como corolário deste momento de inscrição do mundo na superfície sensível, seguem-se as convenções e opções culturais historicamente realizadas. (MAUAD, 1996, p.04).

Em via dessa função de registro, da comercialização e do tempo de exposição, o cenário fotográfico era, muitas vezes, alterado, buscando obter, por meio de poses, aparências artificiais, moldadas à ansiada perspectiva do espectador, ou seja, não importava a naturalidade do momento, mas como o indivíduo gostaria de ser contemplado pela posteridade (TURAZZI, 1995). Complementa Mauad:

Faz parte da nossa prática de vida fotografar nossos filhos, nossos momentos importantes e os não tão significativos. Um elenco de temas que vai desde os rituais de passagem até os fragmentos do dia a

dia no crescimento das crianças. Apreciamos fotografias, as colecionamos, organizamos álbuns fotográficos, onde narrativas engendram memórias. Em ambos os casos é a marca da existência das pessoas conhecidas e dos fatos ocorridos, que salta aos olhos e nos faz indicar na foto recém-chegada da revelação: ‘Olha só como ele cresceu!’ (MAUAD, 1996, p.05)

A memória e a capacidade nostálgica da imagem, descritas acima por Mauad, também precisam ser analisadas, uma vez que a imagem permite uma interrupção do tempo, e leva, quem a vê, e for familiar com aquele registro, a um sentimento de ausência, solidão, proporcional a um de participação, integração, um descompasso entre distância e proximidade, promovendo um tipo novo e disforme de comunicação, unidos por um *clic*⁵ (BATISTA, 2015). Segundo Farias e Gonçalves:

As fotografias atuais, mais do que um caráter documental, adquirem a forma de expressão do cotidiano da sociedade. De momentos marcantes e que não se repetem constantemente, as fotos passam a registrar momentos rotineiros como um almoço em família, a tosa de um animal de estimação ou um cinema com os amigos. Ao compartilhar em redes sociais na Internet, como Flickr, Facebook, Twitter e Instagram, as pessoas tentam mostrar ao mundo o que estão vivenciando. (FARIAS; GONÇALVES, 2014, p. 09)

Diferentemente do que é destacado por Farias e Gonçalves, percebe-se que a motivação para a construção da imagem, não só na contemporaneidade, mas sempre esteve ligada ao *compartilhamento* (LISSOVSKY, 2010), não somente o de capturar para si, mas também submetida à ótica do outro, à necessidade de ser alcançada e admirada por outrem, logo, não só o meio, mas a mudança de *quem é* espectador teve um papel fundamental na função social da fotografia. Assim, em via da mudança de espectador o sentido para a existência da imagem também alterou.

4. SELFIES E SIGNIFICADO

Historicamente, o desejo de autorrepresentação não é algo necessariamente narcisístico, mas natural: das pinturas rupestres às estátuas renascentistas, tudo era sobre o Homem e a sua imagem (GIDDENS, 2002). O ser rupestre é lembrado como o bruto, o guerreiro, que portava lanças e lutava com grandes animais; o renascentista é o forte, que utilizava poucas roupas, o heroico; e do que se trata o indivíduo contemporâneo? O

5 Som feito pelo obturador da câmera ao fechar e abrir, reproduzido artificialmente pelas câmeras digitais.

ser é a imagem que ele faz dele próprio? Logo quando se fala em imagem, fala-se da construção de algo. Na perspectiva da construção fotográfica, Rouillé acrescenta:

A fotografia é máquina para, em vez de representar, captar. Captar forças, movimentos, identidades, densidades, visíveis ou não; e não para representar o real, porém para produzir e reproduzir o *que é passível de ser visível* (não o visível). [...], tal foi a ambição conjunta da arte moderna, e isso desde o estágio documental da fotografia. (ROUILLE, 1948, p.36)

Na contemporaneidade, com a oportunidade do descartável, oferecida pela fotografia digital, sobretudo a de *smartphones*, que permite um sequenciamento de *clicks*, e o rápido fluxo informacional, fornecido pelas redes, a imagem como valor histórico e atemporal foi perdendo sua relevância, ganhando uma nova motivação: promoção pessoal e conservação social. O fluxo informacional e a constante presença e atualização das fotos nas redes geram visibilidade e esta, segundo Raquel Recuero (2010), influi no capital social relacional, que, por definição é referente as conexões do autor da rede, que tem como lucro a confiança e engajamento do espectador. Logo, a imagem do usuário na rede exerce um valor, um poder, sobre a relação em sociedade. “É preciso ser visto para existir no ciberespaço” (RECUERO, 2010, p.27).

Os *smartphones*, por sua vez, tiveram um papel fundamental para a democratização da fotografia. Segundo estudo da FGV⁶ (Fundação Getúlio Vargas), no Brasil, em 2018, há mais de um *smartphone* ativo por habitante. Diante dessa torrente de dados, a foto perde seu caráter documental e estético, e ganha a função de *conteúdo*, atualização de *feed*⁷.

Todavia, o significado da imagem não é construído apenas pela pessoa autora da foto, mas também pela espectadora, como foi defendido no tópico anterior, a fotografia e o compartilhamento estão intrinsecamente ligados, dessa maneira, o instantâneo pode ter motivado a existência de determinada imagem (FABRIS, 2004), no entanto, isto não impede que a mesma, daqui a algum tempo, possua uma expressão e importância históricas diferentes. Nessa perspectiva, Michael Langford elucida:

O significado muda com o tempo: retratos simples podem parecer relativamente comuns quando são tirados, mas vistos vinte anos mais

6 <https://link.estadao.com.br/noticias/geral,brasil-ja-tem-mais-de-um-smartphone-ativo-por-habitante-diz-estudo-da-fgv,70002275238>

7 Espaço onde se concentra os compartilhamentos e postagens do autor em determinada rede.

tarde podem tornar-se registro fascinante sobre o estilo da época e, portanto, um documento valioso (LANGFORD, 2009, p.172)

Por conseguinte, não cabe em análise o olhar contemporâneo sobre as fotografias do passado, mas sim, buscar compreender uma vivência social, o estranhamento do olhar frente a uma nova e acessível tecnologia.

5. ANÁLISE

Com a mudança de meio, acesso, motivação e espectador, a mensagem da imagem iria irremediavelmente ser alterada, assim, é necessário recorrer a procedimentos de análise da imagem para compreender a mudanças estrutural destas. Como afirma Mauad:

É importante destacar que a compreensão de textos visuais é tanto um ato conceitual (os níveis externo e interno encontram-se necessariamente em correspondência no processo de conhecimento) quanto um ato fundado numa pragmática, que pressupõe a aplicação regras culturalmente aceitas como válidas e convencionalizadas na dinâmica social. Percepção e interpretação são faces de um mesmo processo: o da educação do olhar. (MAUAD, 1996, p.09)

Neste artigo foram utilizados mecanismos expostos por Martine Joly (2010), no livro *Introdução à análise da Imagem*, de técnicas presença-ausência, que consiste em observar o que compõe a imagem, e o que foi excluído desta, e as funções da linguagem, a imagem pode ser caracterizada como linguagem, pois promove uma relação homem-mundo, como a fala e a escrita (JOLY, 2010).

No caso da imagem como registro familiar, percebe-se uma relação de diálogo, ou seja, uma função fática. Tal função faz referência ao contato, seja para manter ou promover uma comunicação. Essa aplicabilidade não basta por si só, mas está subjugada necessidade do outro. Como foi dito, a imagem sempre esteve ligada à concepção de *compartilhamento*. É válido ressaltar a ausência da função referencial, ou seja, de um caráter exclusivamente informativo e objetivo, centralizado no interlocutor. Aqui, os significados e o intuito do fotógrafo não são suficientes., como pode-se perceber na Figura.1:

Figura 1: CE, Serra da Ibiapina, 2002. Acervo pessoal.



Percebe-se na imagem acima a ausência de um caráter poético ou simplesmente demonstrativo, mas que se complementa no contato do fotógrafo com o espectador, ou seja, do emissor com o receptor, por meio de diálogos como “este dia estava com minha família, tinha ido tomar banho na lagoa”, a mensagem não tem um caráter contemplativo ou que complementa por si só.

Joly também faz referência à importância de uma análise dos *signos*, partes constituintes da imagem, baseando-se em um princípio de permutação. Ela sugere particularizar as partes, e, em seguida, estudar sua interferência na significação do todo, em conjunto com a técnica de presença/ausência, que leva ao questionamento da utilização e exclusão de determinados signos na construção da imagem. Aplicando tal metodologia, pode-se perceber na Figura.2 a escolha dos autores, das poses e da ação.

Figura 2: CE, Fortaleza, 1987. Acervo pessoal.



É notável na imagem acima a significação de querer captar o momento exato, de dar ideia de movimento e ação à imagem, como no gesto fixo de cortar o bolo, considerado um momento festivo em um aniversário. Em contraste com essa ideia de movimento, de imagem ativa, é perceptível a expressão atenta e focada no olho da câmera, na lente, dando a impressão de que todos estão posando para o momento em que o bolo é cortado.

Uma ação comum nas fotos analógicas da década de oitenta e começo de noventa, é a expressão séria e de estranhamento dos atores nas imagens, no caso da Fig.2, o sorriso minimamente esboçado é do mais novo do grupo, como podemos ver de maneira mais evidente na Figura.3:

Figura 3: CE, Fortaleza, 1987. Acervo pessoal.



Tal traço pode tanto ser consequência de uma herança funcional, uma vez que as primeiras câmeras exigiam um tempo de exposição muito grande para capturar a imagem, 5 a 10 minutos, quanto pela circunstância de um sorriso em uma foto não ser socialmente aceito, na opinião de Mark Twain (1980), a fotografia era um dos documentos mais importantes que se tinha e não havia nada mais condenável para a posteridade do que um inconveniente sorriso capturado e fixado para sempre. Logo, a mudança no comportamento perante a lente entre as gerações leva à reflexão da naturalização que os equipamentos tecnológicos foram tendo sobre o meio.

Por sua vez, na Figura.4 tem-se uma fotografia doméstica datada de 2018. Nela, é notável a diferença e transição, o conforto perante a lente. Os signos da mesa, o bolo, as velas, os doces, dão a ideia de uma festa de aniversário. A diferença de geração e intimidade entre os autores leva o espectador a deduzir que se trata de uma família, e os sorrisos, agora valorizados, substituem os rostos sérios na estruturação da imagem, dando a percepção de que há uma expectativa para o momento do *clic*.

Figura 4: CE, Fortaleza, 2018. Acervo pessoal da autora do artigo.



Nessa perspectiva de momento decisivo, Lissovsky observa:

É contra essa prevalência da experiência moderna que se insurgiram teóricos como Arlindo Machado, para quem “apesar da crescente digitalização do processo fotográfico em todos os níveis, grande parte dos círculos teóricos e profissionais permanece paralisada pela mística do ‘clique’, do ‘momento decisivo, do instante mágico em que o obturador pisca, deixando que a luz entre na câmera e sensibilize o

filme’. A mística do instântaneo fez com que “grande parte do processo fográfico tenha sido “eclipsado pela hipertrofia do ‘momento decisivo”. (LISSOVSKY, 2010, p.09)

Ademais, Francisco Custódio ratifica que a brevidade da relevância da imagem contemporânea afetou diretamente na sua qualidade de registro e na estruturação fotográfica:

Diante da efemeridade, o registro fotográfico se resume na obra e em si. As atribuições destinadas ao valor de importância do registro fotográfico são distintas e dependem das concepções de quem as contempla. E nesse sentido o indivíduo constrói seu rito de vida do cotidiano, do dia a dia e sua relação com os meios midiáticos. (CUSTÓDIO, 2015, p.13)

Desta maneira, percebe-se que, embora a estruturação da imagem, sua motivação, seu espectador e até sua frequência tenham se alterado, a ânsia pela representação, e a valorização desse momento é constante.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com base em um estudo dos significados, buscando observar a significação da imagem, foi possível perceber a plasticidade da fotografia, seu valor como linguagem e comunicação, e de como estes mudaram de acordo com a vivência dos atores.

As mudanças nas motivações fotográficas, de registro apenas para formador capital social tem relação direta com a estruturação e valores sociais do novo espaço em que a imagem habita: o da supervalorização do capital, da constante concorrência, uma vez que o indivíduo não se volta mais para si, mas sim, está refém e deseja o olhar do outro. No registro dos anos 1980 as imagens eram de consumo da própria família e amigos próximos; nas redes sociais, a quantidade de usuários que visualizou vale mais do que o *quem*.

No entanto, cabe à análise um estudo aprofundado das redes, e como estes são usados na conservação dos laços, e ainda a relação da foto com a legenda, uma vez que possuem, em determinadas redes, um caráter complementar, e, sobretudo, um estudo da *selfie* como instrumento democrático e a democratização e naturalização de outros equipamentos tecnológicos.

Por fim, mesmo com todas estas mudanças de perspectiva, a fotografia ainda exerce uma soberania e comoção, tem sua importância assegurada e seus momentos valorizados nos ambientes familiares, que, mesmo tendo seu caráter documental secundarizado, ainda tem sua função nostálgica, proporcionada apenas por um *clic*.

BIBLIOGRAFIA

BATISTA, M.N. **Fotografia e memória: contra a ação do tempo, a foto fortalece a tradição das técnicas de memorização**, Revista Belas Artes, v.19, 2015.

CARVALHO, M.G. **Tecnologia, desenvolvimento social e educação tecnológica**, Revista Educação & Tecnologia, v.1, 2010.

CORDOVA, A. ; MARTINS, P. H. **Selfie, uma expressão da subjetividade**. Brasília, Distrito Federal: INTERCOM, 2015.

CUSTÓDIO, F. **A fotografia e a moda das selfies: uma análise da evolução do autorretrato**. Minas Gerais, Urbelândia: INTERCOM, 2015.

FABRIS, A. **Identidades virtuais: uma leitura do retrato fotográfico**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2004..

FARIAS, L. ; GONÇALVES, O. **A fotografia ao longo do tempo: da kodak ao instagram**. Ceará, Fortaleza: INTERCOM 2014.

GIDDENS, A. **Modernidade e identidade**. Rio de Janeiro: Zahar, 2002.

GUERRA, C. **Indústria fotográfica e fotografia do século XX ao XXI**. Minas Gerais: Encontro Nacional de História da Mídia, 2013

GUERREIRO, D. **Início da fotografia (1826) – Parte 1**. Disponível em: <<https://www.fotografia-dg.com/inicio-da-fotografia-1826/>> Acesso em: 12 de outubro de 2018

JOLY, M. **Introdução a análise da imagem**. 12 ed. São Paulo: Papyrus Editora, 2008.

KOSSOY, B **Os tempos da fotografia: o efêmero e o perpétuo**. 2. ed. Cotia, São Paulo: Ateliê Editorial, 2007.

KOSSOY, B. **Fotografia e história**. 2. ed. São Paulo: Ateliê Editorial, 2001.

KOSSOY, B. **Realidades e ficções na trama fotográfica**. 4. ed. São Paulo: Ateliê Editorial, 2009.

LANDIM, W. **Qual foi o primeiro celular a ter uma câmera?** Disponível em: <<https://www.tecmundo.com.br/celular/83493-primeiro-celular-ter-camera-video.htm>> Acesso em: 12 de outubro de 2018.

LANGFORD, J. **Fotografia básica de langford: guia completo para fotógrafos**. 8. ed. Rio Grande do Sul: Bookman, 2009.

LIMA, M. **Brasil tem mais de um smartphone por habitante, diz estudo da FGV**. Disponível em: <<https://link.estadao.com.br/noticias/geral,brasil-ja-tem-mais-de-um-smartphone-ativo-por-habitante-diz-estudo-da-fgv,70002275238>> Acesso em: 12 de outubro de 2018.

LISSOVSKY, M. **A máquina de esperar: origem e estética da fotografia moderna**. 5. ed. Rio de Janeiro: Mauad X, 2008.

MACLUHAN, M. **Os meios de comunicação como extensão do homem.** São Paulo: Cultrix, 1964.

MAUAD, A. M. **Através da imagem: fotografia e história interfaces.** Rio de Janeiro: Seminário “90 anos da Avenida Rio Branco”, 1996.

PIERRE, Levy. **O que é o virtual?.** São Paulo: Editora 34, 1996.

RECUERO, R. **Redes sociais na internet.** Porto Alegre: Meridional, 2009.

ROUILLÉ, A., **A fotografia: entre documentos e arte contemporânea.** São Paulo: Senac, 2009.

SOUZA, R., Por que as pessoas não sorriam nas fotos antigas? <<https://iphotochannel.com.br/curiosidades-na-fotografia/por-que-as-pessoas-nao-sorriam-nas-fotos-antigas>> Acesso em: 20 de outubro de 2018.

TURAZZI, M. I. **Poses e trejeitos: a fotografia e as exposições na era do espetáculo.** Rio de Janeiro: Rocco/ Funarte, 1995.

WOLTON, D. **Informar não é comunicar.** Porto Alegre: Sulina, 2010